

# Intervenção arqueológica na Rua de Mendões (União de Freguesias de Coronado (São Romão e São Mamede), Trofa)

Paulo A. Pinho Lemos\*

## RESUMO

O presente artigo surge na sequência das ações de acompanhamento arqueológico efetuadas no âmbito do projeto EB 2286 – Rede de drenagem de águas residuais de parte das freguesias de São Romão e São Mamede do Coronado (Trofa, Porto) – Sistema de Águas da Região do Noroeste, pela empresa Araducta Arqueologia Unipessoal, Lda. Os trabalhos realizados nestas freguesias, concretamente na Rua de Mendões, revelaram um provável casal agrícola de época romana, pretendendo a análise dos resultados contribuir para o conhecimento da ocupação desta região.

## PALAVRAS-CHAVE

Coronado, Mendões, época romana, casal agrícola.

## ABSTRACT

*This article results from the actions of archaeological accompanying within project EB 2286 – Sewage drainage network of a section of São Romão and São Mamede do Coronado (Trofa, Porto) councils – Water System of the Northwest Region, by the company Araducta Arqueologia Unipessoal, Lda. The construction works performed in these councils, specifically in Mendões Street, revealed a probable agricultural farm dating back to Roman Times, being the purpose of this analysis to contribute for the knowledge of the occupation of this region.*

## KEYWORDS

*Coronado, Mendões, Roman period, agricultural farm.*

\* Arqueólogo.

## 1. INTRODUÇÃO

A intervenção arqueológica na Rua de Mendões insere-se no âmbito do projeto EB 2286 – Rede de drenagem de águas residuais de parte das freguesias de São Romão e São Mamede do Coronado (Trofa, Porto) – Sistema de Águas da Região do Noroeste, promovido pelas Águas do Norte (Grupo Águas de Portugal).

Os trabalhos incidiram sobre duas áreas, a Bacia 1 e a Bacia 8B, localizando-se a Rua de Mendões na primeira, tendo sido efetuados trabalhos arqueológicos entre as Câmaras de Visita (CV) 1.5 a 1.23. De acordo com a Carta do Património do Plano Diretor Municipal da Trofa<sup>1</sup>, a Bacia 1 encontrava-se em área abrangida pela ZOPA 7 (Zona de Potencial Arqueológico de Subidade) e pela SM1 (Conjunto Edificado de Mendões).

A intervenção arqueológica foi efetuada pela empresa Araducta Arqueologia Unipessoal, Lda., sob a responsabilidade do signatário, visando o acompanhamento arqueológico e a realização de sondagens de avaliação arqueológica, tendo os trabalhos decorrido entre agosto de 2015 e fevereiro de 2016.

## 2. LOCALIZAÇÃO

O município da Trofa localiza-se na região de Entre-Douro-e-Minho, a norte do distrito do Porto, encontrando-se delimitado, a sul e a poente, pelos municípios da Maia e de Vila do Conde, pertencentes ambos à Área Metropolitana do Porto, e, a norte e a nascente, pelos concelhos de Vila Nova de Famalicão e Santo Tirso, que integram o agrupamento do Vale do Ave.

O concelho da Trofa é um concelho recente, criado pela Lei n.º 83/98, de 14 dezembro, integrando, para fins estatísticos, a NUT III – Ave, pertencendo à Associação de Municípios do Vale do Ave, juntamente com Fafe, Guimarães, Póvoa de Lanhoso, Santo Tirso, Vieira do Minho, Vila Nova de Famalicão e Vizela. Com 72 km<sup>2</sup> de área, encontra-se subdividido em cinco freguesias: Covelas, Muro, União Freguesias de Alvarelos e Guidões, União Freguesias de Bougado (São Martinho e Santiago) e União Freguesias de Coronado (São Romão e São Mamede).

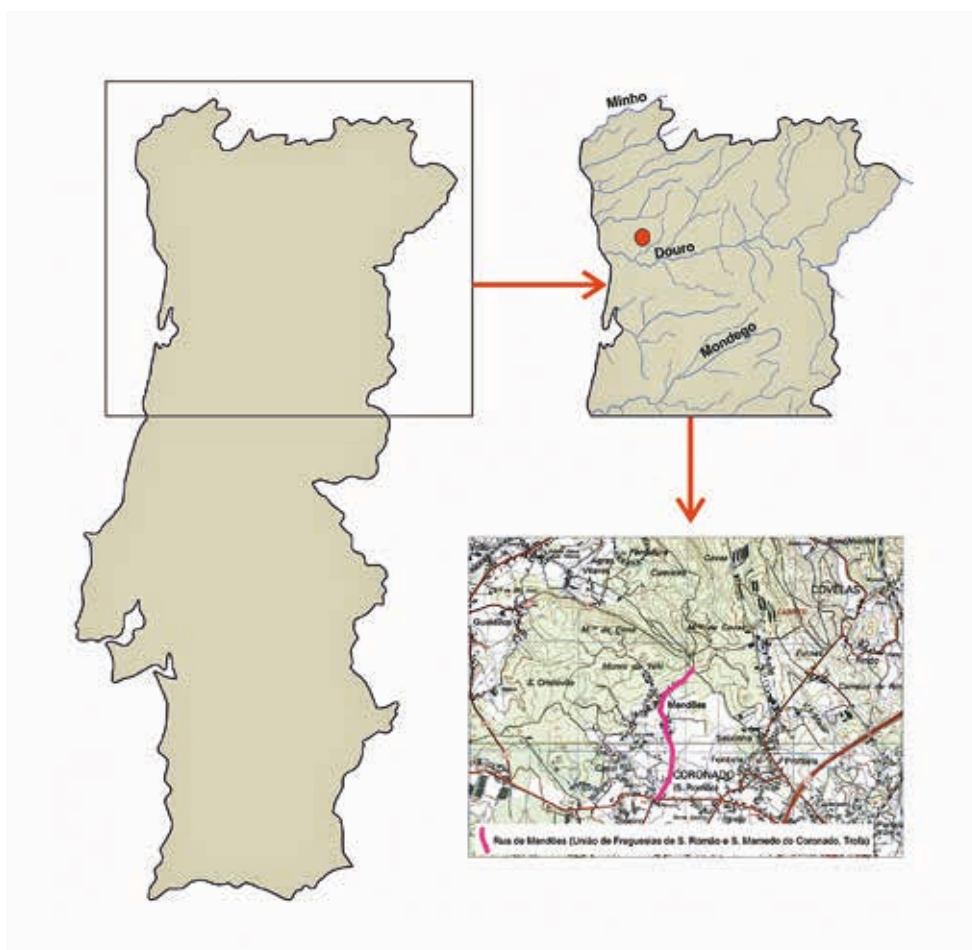
A Rua de Mendões, objeto deste texto, localiza-se na União Freguesias de Coronado (São Romão e São Mamede) e, de acordo com a *Carta Militar de Portugal*, na escala 1:25000, folhas n.º 97 e 110, apresenta as seguintes coordenadas geográficas (ponto médio): 41º17'20.16" N e 08º34'25.06" O.

## 3. METODOLOGIA

Tal como preconizava o plano de trabalhos aprovado pela Direção Regional de Cultura do Norte (2015), o projeto contemplava a execução de três categorias de trabalhos,

---

<sup>1</sup> Aviso n.º 2683/2013.



**FIGURA 1.** Localização da Rua de Mendões (Instituto Geográfico do Exército, 1999a, 1999b).

concretamente: a crivagem de terras, o acompanhamento arqueológico e a execução de sondagens de avaliação arqueológica.

No que concerne à crivagem de terras, foram crivadas as terras relacionadas com os vestígios arqueológicos detetados entre a CV 1.5 e a CV 1.6, depositadas nas imediações das referidas CV. Esta ação visou a recolha do espólio arqueológico que levou à interrupção dos trabalhos nesta área. Entre o espólio patente nestas terras eram visíveis, ao início dos trabalhos, diversos fragmentos de cerâmica de uso doméstico e material de construção (por exemplo, *tegula* e *imbrex*) de época romana.

O acompanhamento arqueológico, por cada frente de trabalho, foi efetuado por um arqueólogo, em permanência no local durante todo o tempo em que a obra implicou afetação do subsolo até ao nível geológico. Os trabalhos incluíram a caracterização dos depósitos estratigráficos, a recolha de materiais arqueológicos, a identificação e registo de estruturas. A sequência estratigráfica observada foi fotografada e objeto de desenho, ainda que esquemático, descrição e registo da espessura dos depósitos e da cota do nível geológico.

As sondagens de avaliação arqueológica foram executadas após a localização das estruturas. A escavação desenvolveu-se pelo método estratigráfico, levando-se as diferentes unidades por decapagem a colherim e/ou pico, sendo a crivagem de terras sistemática. O registo estratigráfico foi efetuado pelo método da matriz Harris. As unidades estratigráficas foram referenciadas pelas iniciais UE ou com o respetivo número entre parêntesis retos (por exemplo, [100]), tendo-se convencionado o acrónimo da intervenção por COR.15.

Ainda no quadro das ações de escavação, foram registados em fotografia e desenho todas as estruturas, planos, alçados e cortes. Estes registos documentam a realidade das diferentes áreas intervencionadas, servindo igualmente de apoio à interpretação da sequência deposicional, possibilitando uma melhor leitura estratigráfica das mesmas. Os registos incluíram também o preenchimento de fichas manuais de registo de unidade estratigráfica e o registo de espólio, que foi integralmente recolhido. Finalmente, os materiais provenientes das ações supramencionadas passaram por um processo faseado de tratamento que abrangeu lavagem, fotografia, desenho e marcação individual.

A direção dos trabalhos ficou a cargo do signatário e de Óscar Fernando Ferreira de Teixeira, sendo a equipa de trabalho composta, além dos signatários, pelos seguintes arqueólogos: Ana da Costa Roriz, Bruno Miguel Silva Magalhães, Fernando Jorge Soares Ferreira Neves, Sandra Conceição Nogueira e Sara Filipa Bastos de Almeida e Silva.

## 4. A INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA

### 4.1. CRIVAGEM DE TERRAS

Iniciada formalmente a intervenção arqueológica, a ação mais imediata foi a crivagem das terras que se encontravam sobre a manta de geotêxtil, que foi colocada como forma de salvaguarda dos vestígios arqueológicos detetados entre a CV 1.5 e a CV 1.6, bem como dos excedentes depositados na berma da EM 556, nas imediações das referidas CV.

Os trabalhos de crivagem visaram a recolha do espólio arqueológico que levou à interrupção dos trabalhos nesta área. A realização desta ação permitiu a recolha de mais de quatro centenas de fragmentos, representando 25,5% do espólio recolhido. Este espólio, maioritariamente de época romana, equivale a fragmentos cerâmicos repartidos, de forma similar, entre cerâmica de construção (n=200) e olaria doméstica (n=201), totalizando 19,8% e 35,8% do total recolhido, respetivamente. A observação do material recolhido durante as ações de crivagem das terras está esplanada no ponto 5 do presente artigo.

### 4.2. ACOMPANHAMENTO ARQUEOLÓGICO

Simultaneamente, foram realizados trabalhos de acompanhamento arqueológico que consistiram na observação das ações de abertura de vala para a instalação de tubagens de perfil corrugado em polipropileno, escavada mediante o recurso a meios mecânicos. A estratigrafia observada apresentou-se de revolvimento.

O espólio recolhido nas ações de acompanhamento arqueológico totalizou os 381 fragmentos, figurando 24,3% do material recolhido, repartidos entre cerâmica de construção (n=175) e olaria doméstica (n=206), totalizando 17,4% e 36,6% do total, respetivamente. A análise deste material está desenvolvida no ponto 5 do presente artigo.

Dos trabalhos de acompanhamento arqueológico resultou a identificação de 16 ocorrências patrimoniais:

Ocorrência patrimonial 1 (41°17'14,6" N / 08°34'23,1" O): aglomerado de pedras graníticas toscamente estruturadas, de pequenas a médias dimensões, com inclusão de fragmentos cerâmicos de cronologia romana (*tegulae* e cerâmica de uso doméstico), dispersos por 1,5 m, no sentido norte-sul. Este elemento foi alvo de ações de registo, tendo os trabalhos prosseguido sem afetação do mesmo;

Ocorrência patrimonial 2 (41°17'14,7" N / 08°34'23,1" O): cunhal de edifício com dois muros, o primeiro com orientação oeste-este, 1,75 m de extensão e 0,65 m de largura; o segundo com orientação norte-sul, extensão de 0,45 m e largura de 0,45 m. Apresenta-se composto por pedras de granito de médias a grandes dimensões, sem argamassa, com inclusão de fragmentos cerâmicos de cronologia romana (ver Sondagem 4);

Ocorrência patrimonial 3 (41°17'15,4" N / 08°34'23,0" O): conjunto de material de construção (*tegulae*) de época romana, identificado no limite nordeste da CV 1.6, disperso por uma área de 0,80 m<sup>2</sup>, assentando no geológico granítico. Este elemento foi alvo de ações de registo, tendo os trabalhos de instalação da caixa prosseguido sem afetação do mesmo;

Ocorrência patrimonial 4 (41°17'15,6" N / 08°34'23,0" O): muro identificado a 1,70 m do piso de circulação atual, cruzando a vala no sentido noroeste-sudeste, com 2 m de comprimento e 0,80 m de espessura, argamassado, composto por pedras de granito de médias a grandes dimensões, associado a um nível de derrube, a sul, e a um nível de terras compactas, de cor castanha escura, com espólio de época romana, a norte. Este elemento foi alvo de ações de registo, tendo os trabalhos prosseguido sem afetação do mesmo;

Ocorrência patrimonial 5 (41°17'16,7" N / 08°34'23,3" O): murete formado por pedras de granito de pequenas a médias dimensões, sem argamassa e de aparelho irregular, com espessura máxima de 0,30 m, assente em terra, orientação oeste-este, ao qual se encontravam associados fragmentos cerâmicos de cronologia romana, designadamente *tegulae* (ver Sondagem 3);

Ocorrência patrimonial 6 (41°17'17,0" N / 08°34'23,5" O): muro identificado a 1,70 m do piso de circulação atual, ostentando direção sul-norte, com 2 m de comprimento e 0,40 m de largura, composto por pedras de granito de média dimensão, superfícies irregulares, dispostas de forma horizontal e sem argamassa. Este elemento foi alvo de trabalhos de registo, tendo os trabalhos de escavação mecânica da vala prosseguido sem afetação do mesmo;

Ocorrência patrimonial 7 (41°17'17,9" N / 08°34'23,7" O): estrutura com orientação oeste-este, composta por pedras de granito de pequenas dimensões, sem argamassa, aparelho irregular, com uma extensão visível de 1,60 m, altura máxima de 0,70 m e largura média de 0,35 m, assentando em terra (com uma altura de 0,70 m) (ver Sondagem 2);



FIGURA 2. Pormenor da ocorrência patrimonial 4.

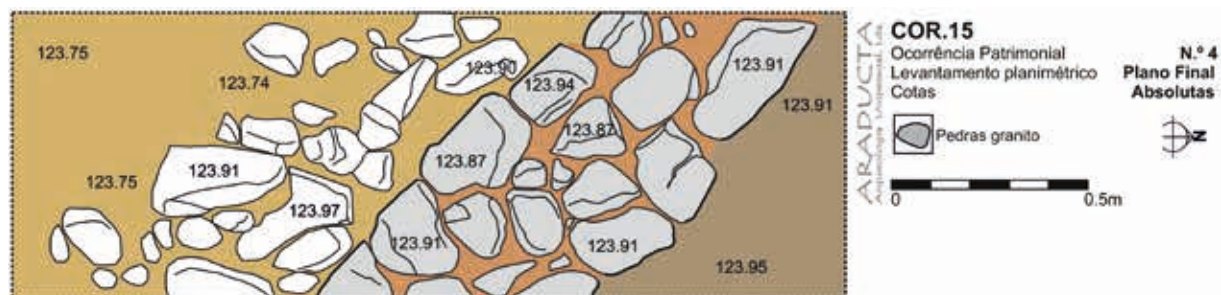


FIGURA 3. Desenho da ocorrência patrimonial 4.

Ocorrência patrimonial 8 (41°17'18,1" N / 08°34'23,7" O): estrutura identificada a 0,60 m do piso de circulação atual, correspondente a um conjunto de pedras de granito de pequenas a grandes dimensões, sem argamassa e de aparelho irregular, dispersas por uma área de 4 m x 2 m, com espessura máxima de 0,30 m, assentes no geológico natural (ver Sondagem 1);

Ocorrência patrimonial 9 (41°17'19,9" N / 08°34'25,1" O): caneiro para proteção do tubo de água em plástico, constituído por pedras trabalhadas e sobrepostas, cada pedra medindo cerca de 0,30 m de altura, 0,40 m de largura e 1,20 m de comprimento;

Ocorrência patrimonial 10 (41°17'22,4" N / 08°34'26,1" O): mina de água com poço em alvenaria, expondo, exteriormente, 2 m de comprimento por 1 m de largura, internamente 0,60 m de comprimento, 0,40 m de largura e 1 m de altura, ao que acrescia mais 3 m escavados na rocha, com buracos cavados no substrato rochoso, para servir de escada de acesso;

Ocorrência patrimonial 11 (41°17'23,4" N / 08°34'25,9" O): caneiro com 0,90 m de altura e 1,30 m de largura, edificado em granito, ostentando paredes emparelhadas de

forma regular e de forma retangular (0,70 m x 0,20 m), com cobertura em pedra;

Ocorrência patrimonial 12 (41°17'27,5" N / 08°34'28,2" O): calçada com 30 m de extensão, composta por pedras de média (0,20 m) a grande dimensão (0,50 m a 1 m), toscamente trabalhadas, lisas e dispostas na horizontal.

### 4.3. SONDAGENS DE AVALIAÇÃO ARQUEOLÓGICA

Deste modo, e em consequência das estruturas supramencionadas, a Direção Regional de Cultura do Norte determinou a realização de sondagens de avaliação arqueológica na área onde foi identificada a ocorrência patrimonial 2 (SD.4), a ocorrência patrimonial 5 (SD.3), a ocorrência patrimonial 7 (SD.2) e a ocorrência patrimonial 8 (SD.1).

As sondagens tinham como objetivo permitir uma melhor caracterização das estruturas identificadas, tendo sido realizadas até à cota de assentamento das supracitadas estruturas e/ou do geológico natural. A execução destas sondagens foi fortemente condicionada pela existência de duas condutas de água, a este e a oeste das áreas escavadas, que afetaram/truncaram a informação arqueológica, tendo igualmente sido impossível, por questões de segurança, intervir nas zonas onde as mesmas se encontravam implantadas.

Finalmente, mencionar que após a conclusão dos trabalhos de escavação e de instalação da tubagem de perfil corrugado em polipropileno, as remanescentes superfícies das sondagens 1 a 4 foram protegidas com manta geotêxtil e com a colocação de pó de pedra, previamente aos trabalhos de aterro, com o intuito de salvaguardar e sinalizar as estruturas aí identificadas.

#### 4.3.1. SONDAGEM 1

A sondagem 1, executada na área onde foi identificada a ocorrência patrimonial 8 – estrutura [110] –, visou uma melhor caracterização da mesma, tendo sido intervenzionada uma área de 13,3 m<sup>2</sup> (3,60 m x 3,70 m), revelando os trabalhos um carácter e uma sequência estratigráfica simples, num total de 11 unidades estratigráficas, expondo o terreno uma potência média de 1 m.

As unidades referentes ao piso de circulação [100], equivalente à calçada composta por paralelepípedos, e a calçada à portuguesa [102], composta por pedras de granito

FIGURA 4. Pormenor da ocorrência patrimonial 12.



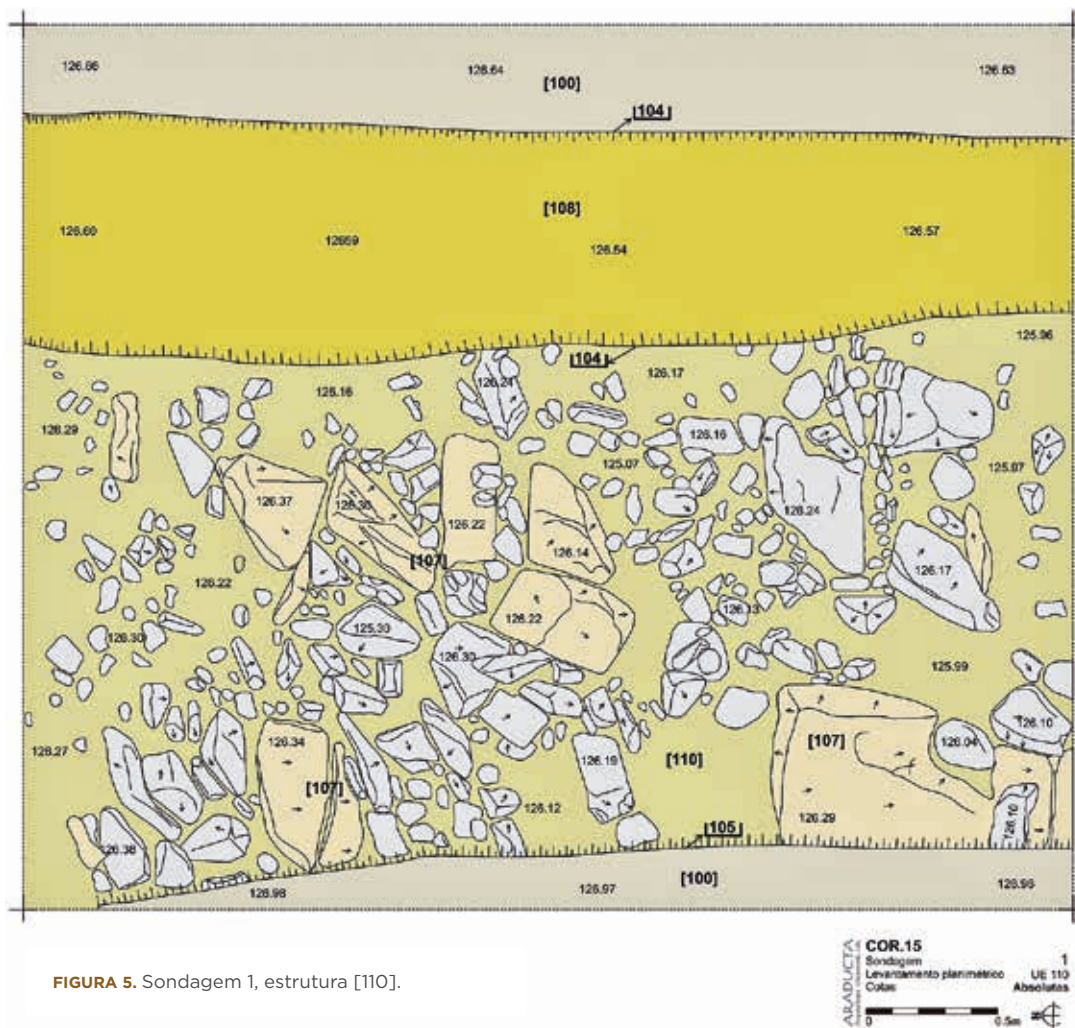
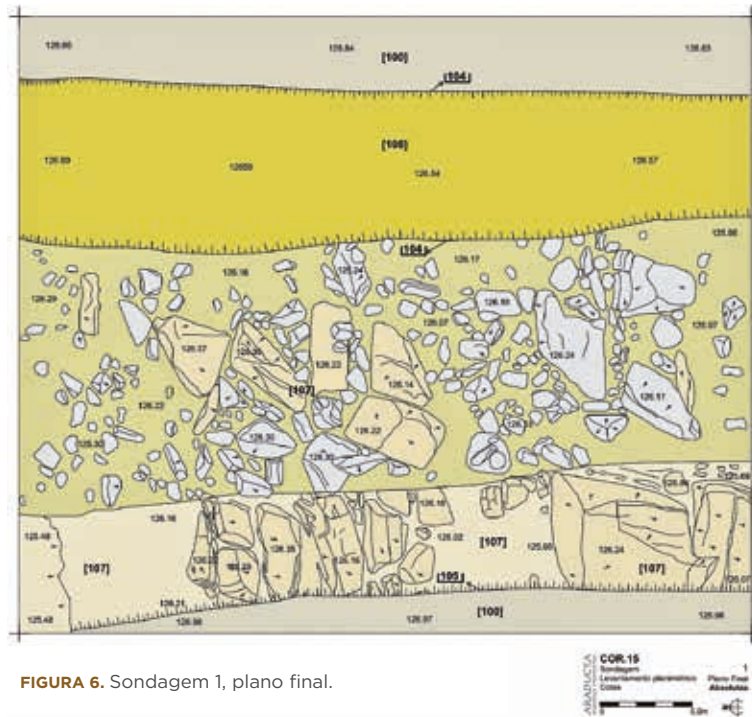


FIGURA 5. Sondagem 1, estrutura [110].

irregulares de médias a pequenas dimensões, bem como as unidades de preparação/assentamento das mesmas, respetivamente a [101] e a [103], foram removidas de forma mecânica.

Após a remoção das suprarreferidas unidades, ficou patente a vala de instalação da tubagem de água [104] e a respetiva unidade de preenchimento [108]. A área alvo de trabalhos ficou assim reduzida a 8 m<sup>2</sup> (4 m x 2 m), tendo sido escavada somente a metade oeste da sondagem. Nesta superfície foram assinaladas duas unidades de depósito – a [106] e a [109] –, sob as quais foi identificada a estrutura [110], constituída por pedras de granito de pequenas a grandes dimensões, sem argamassa e de aparelho irregular, dispersas pela totalidade da área, com altura máxima de 0,30 m, assentes no geológico natural, equivalendo, aparentemente, a uma construção de delimitação do espaço.

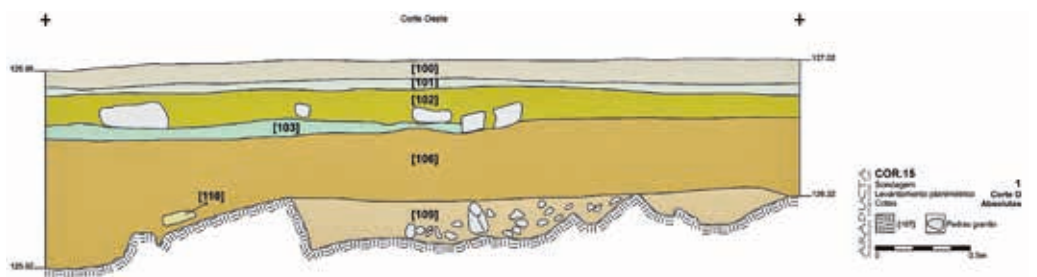
Seguidamente, a estrutura [110] foi apenas removida na área que iria ser afetada pelos trabalhos de escavação da vala para a instalação da tubagem, numa superfície de 2,80 m<sup>2</sup> (4 m x 0,70 m). Com a execução destes trabalhos ficou patente o nível geológico [107], correspondendo a granito rochoso, extremamente compacto, de cor bege/amarelada, sobre o qual a mencionada estrutura se encontrava diretamente edificada.



**FIGURA 6.** Sondagem 1, plano final.



**FIGURA 7.** Sondagem 1, plano final.



**FIGURA 8.** Sondagem 1, corte oeste.

### 4.3.2. SONDAGEM 2

A execução da sondagem 2 tinha o intento de caracterizar a ocorrência patrimonial 7 – estrutura [207] –, tendo para tal sido escavada uma superfície de 4 m<sup>2</sup> (2 m x 2 m). Os trabalhos revelaram-se simples, patenteando um total de 13 unidades estratigráficas e uma potência média de 1 m.

As unidades referentes ao piso de circulação [200], equivalente à calçada composta por paralelepípedos, e a unidade de preparação/assentamento da mesma [201] foram removidas de forma mecânica. Seguidamente, foram apartadas manualmente a calçada à portuguesa [203] e a sua unidade de preparação/assentamento [204].

Depois da remoção das suprarreferidas unidades ficaram perceptíveis duas realidades. A primeira, executada nos inícios do século XXI, equivalente à vala de instalação da tubagem de água [210] e respectivas unidades de preenchimento [211] e [212]. A segunda, executada no século XX, correspondia à estrutura [207], equivalente a um

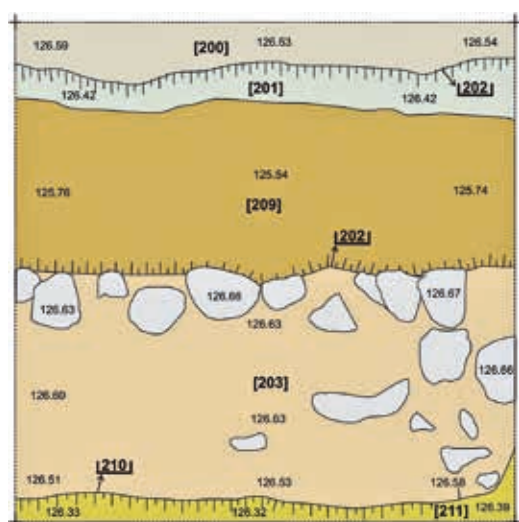


FIGURA 9. Sondagem 2, estrutura [203].

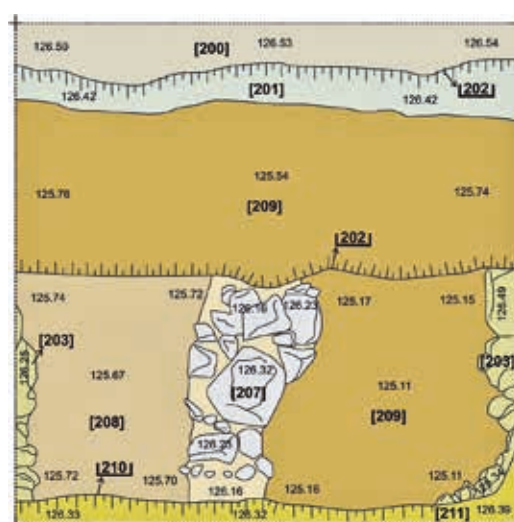
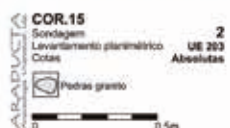


FIGURA 10. Sondagem 2, plano final.



FIGURA 11. Sondagem 2, plano final.



sistema de drenagem, relacionada com a calçada à portuguesa [203], apresentando orientação oeste-este, composta por pedras irregulares de granito de pequenas dimensões e sem argamassa. Ostentava 1,60 m de comprimento, uma altura máxima de 0,70 m e largura média de 0,35 m, assente em terra [208].

A envolver esta estrutura [207] foram identificadas duas unidades de depósito – [205] e [206] –, patentes no seu lado norte e sul, respetivamente, de iguais características, sendo formadas por terras homogêneas, compactas, argilosas de grão médio e cor castanha clara. Esta realidade foi edificada diretamente sobre uma unidade de depósito, a [208], com possança média de 0,30 m, sendo a mesma constituída por terras homogêneas, medianamente compactas, argilosas de grão médio a fino, cor castanha escura, sem inclusão de materiais cerâmicos.

Finalmente, referir que a [208], como forma de salvaguarda da estrutura [207], apenas foi escavada no limite norte da sondagem. Este nível de depósito assentava diretamente sobre o geológico [209], que, neste ponto, era compacto, argiloso de grão médio e de cor castanha escura.

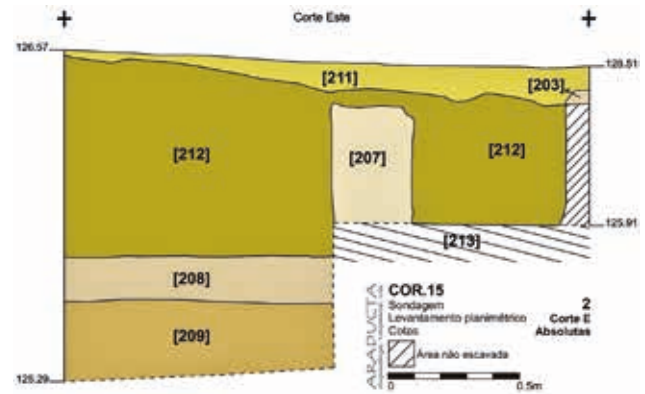


FIGURA 12. Sondagem 2, corte este.

#### 4.3.3. SONDAAGEM 3

As ações realizadas na sondagem 3 visaram caracterizar a ocorrência patrimonial 5 – estrutura [309]. Para tal, foi intervencionada uma superfície de 8,25 m<sup>2</sup> (3,3 m x 2,5 m), revelando os trabalhos um caráter simples, num total de 20 unidades estratigráficas, apresentando o terreno uma potência média de 2,15 m, sendo a sequência estratigráfica simples.

As unidades referentes ao piso de circulação [300], equivalente à calçada composta por paralelepípedos, e a calçada à portuguesa [304], composta por pedras de granito irregulares de médias a pequenas dimensões, bem como a unidade de preparação/assentamento do piso de circulação, a [301], foram removidas mecanicamente.

Com a remoção das suprarreferidas unidades ficou patente a vala de instalação da tubagem de água [307] e a respetiva unidade de preenchimento [303], bem como a interface vertical [308] do muro delimitador de propriedade [319] e a sua respetiva unidade de enchimento [305]. A execução desta sondagem ficou, assim, fortemente condicionada pela presença de duas condutas de água (a este e oeste da zona escavada), que truncaram a informação arqueológica, e pela presença do muro delimitador de propriedade [319], que, devido à sua instabilidade, nos obrigou ao afastamento do mesmo. Deste modo, a área sondada ficou reduzida a 3,25 m<sup>2</sup> (2,5 m x 1,3 m), tendo sido escavado o limite oeste da sondagem.

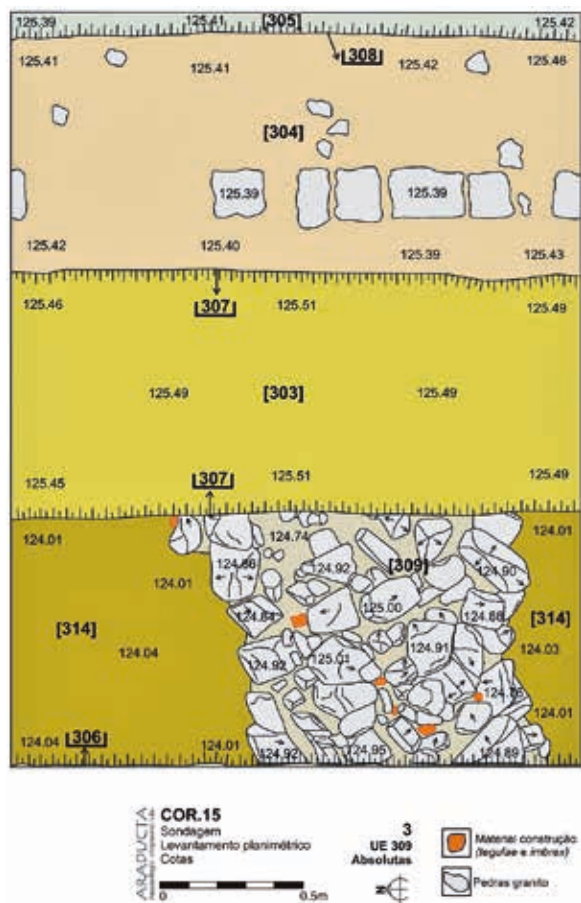


FIGURA 13. Sondagem 3, estrutura [309].



FIGURA 14. Sondagem 3, estrutura [309].

Na superfície mencionada, foi identificada uma unidade de depósito [302] com 0,70 m de possança, composta por terras homogêneas, compactas, de grão médio e cor castanha escura. Sob esta, foi identificado o prolongamento da estrutura [309], que havia sido identificada aquando dos trabalhos de acompanhamento. Esta estrutura corresponde ao que aparenta ser um murete, de alguma fragilidade, de aparelho irregular, formado por pedras de granito de pequenas a médias dimensões, sem argamassa e com uma espessura máxima de 0,30 m, assente diretamente em terra [310]/[311] e com orientação oeste-este, ao qual se encontravam associados fragmentos cerâmicos (*tegulae*) de cronologia romana.

Seguidamente, a sondagem 3 foi somente escavada na área que iria ser afetada pelos trabalhos de abertura da vala para a instalação da tubagem, numa superfície de 1,75 m<sup>2</sup> (2,5 m x 0,70 m). Desta forma, a estrutura [309] foi apenas intervencionada no seu limite oeste, tendo sido perceptível que foi edificada sobre quatro unidades de depósito, concretamente a [310] = [311], a [312] = [313], a [314] e a [315], que tinham como objetivo alteá-la em relação ao nível geológico. Estas unidades correspondem a níveis de terras relativamente homogêneas, compactas, argilosas de grão médio a fino, com espólio cerâmico de pequenas dimensões. Com a remoção destas unidades ficou patente a [318], equivalente ao geológico natural, composto por terras extremamente compactas, argilosas de grão fino e cor castanha escura.

Referência ainda para a identificação de uma pequena fossa [317], patente no limite sul da sondagem. Esta estrutura foi aberta na unidade [318], com 0,40 m de diâmetro e uma profundidade máxima de 0,44 m, encontrando-se preenchida por uma única unidade, a [316], muito semelhante à unidade que a cobre, a [315], sendo formada por terras homogêneas, compactas, saibrentas de grão grosso e de cor bege clara, sem presença de espólio.

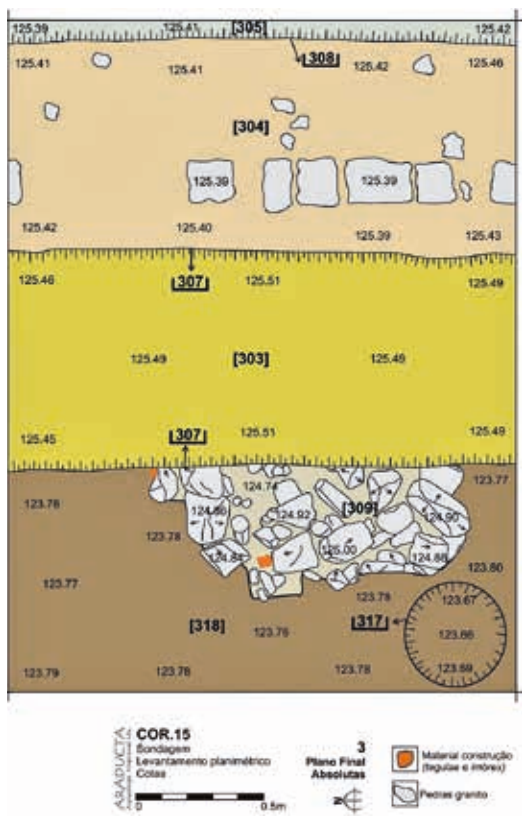


FIGURA 15. Sondagem 3, plano final.



FIGURA 16. Sondagem 3, plano final.



FIGURA 17. Sondagem 3, corte oeste.

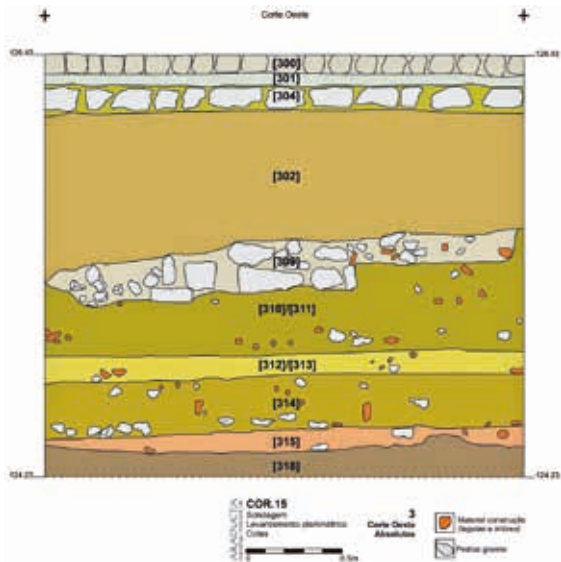


FIGURA 18. Sondagem 3, corte oeste.

#### 4.3.4. SONDAGEM 4

A sondagem 4, executada na área onde foi identificada a ocorrência patrimonial 2 – estruturas [410] e [421] –, foi aberta numa superfície total de 10,5 m<sup>2</sup> (3,5 m x 3 m), revelando os trabalhos um caráter simples, num total de 25 unidades estratigráficas, apresentando o terreno uma potência média de 1,5 m.

As unidades referentes ao piso de circulação [400], equivalente à calçada composta por paralelepípedos, a calçada à portuguesa [402], composta por pedras de granito de médias a pequenas dimensões, e as unidades de assentamento das mesmas, [401] e [403] respetivamente, foram removidas mecanicamente.

Após a remoção das suprarreferidas unidades ficou patente a vala de instalação da tubagem de água [405] e as respetivas unidades de preenchimento [404] e [424]. A execução desta sondagem, à semelhança das anteriores, foi fortemente condicionada pela presença de duas condutas de água (a este e a oeste da área escavada), que truncaram a informação arqueológica. Os trabalhos de escavação foram ainda condicionados pela presença do muro delimitador de propriedade, que, devido à sua instabilidade, obrigou ao afastamento do mesmo. Deste modo, a área sondada ficou reduzida a 4,8 m<sup>2</sup> (3 m x 1,6 m), tendo sido escavado o limite oeste da sondagem.

Nesta superfície foram, posteriormente, identificados dois níveis de aterro – [407] e [408] –, patentes na totalidade da área, de características similares, formados por terras homogêneas, compactas, argilosas de grão médio, cor entre o castanho claro e o casta-

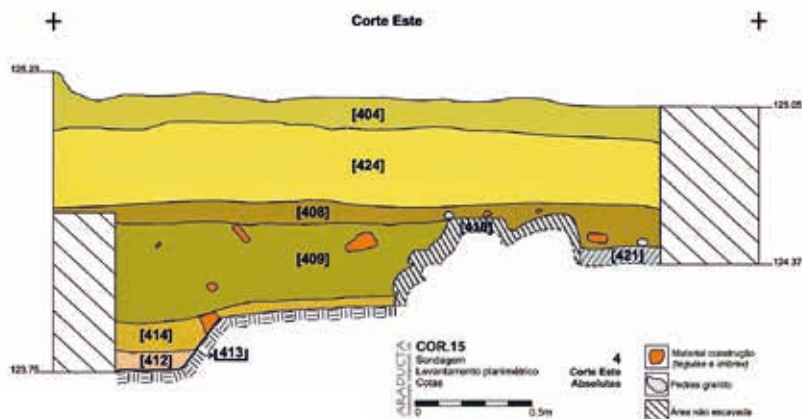


FIGURA 19. Sondagem 4, corte este.

FIGURA 20. Sondagem 4, corte este.



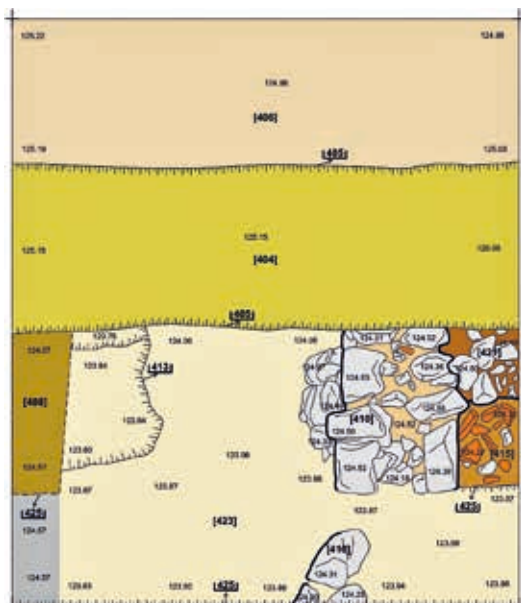


FIGURA 21. Sondagem 4, UE 415.

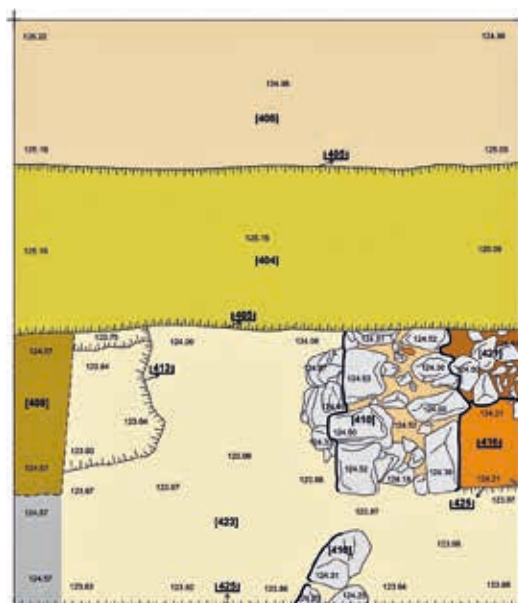


FIGURA 22. Sondagem 4, UE 416.

nho escuro, com frequente espólio cerâmico de época romana (*tegulae* e cerâmica de uso doméstico). Encontravam-se sobre as estruturas [410], [421] e [422], equivalendo a níveis de época contemporânea relacionados com a construção da calçada [402].

Com a remoção das mencionadas unidades, ficou perceptível a existência de um edifício constituído por dois muros: o primeiro [410], com orientação oeste-este, 1,75 m de extensão e 0,65 m de largura; o segundo [421], com orientação norte-sul, 0,45 m de extensão e 0,45 m de largura máxima.

No exterior do edifício foram identificadas três unidades de depósito – [409], [412] e [414]. A primeira [409], composta por terras homogêneas, compactas, argilosas de grão médio, cor castanha clara, com ocasionais pedras de granito de pequenas dimensões. Sob esta realidade foi identificada uma pequena depressão [413], no limite norte da sondagem e afastada do edifício, com profundidade máxima de 0,26 m e largura máxima de 0,50 m, preenchida pela [412], composta por terras homogêneas, pouco compactas, argilosas de grão grosso, cor castanha escura e sem espólio. Esta depressão truncou a [414], que assentava diretamente no estrato natural [423], equivalendo a uma unidade de reduzida potência (< 5 cm), composta por terras homogêneas, pouco compactas, argilosas de grão grosso, cor castanha escura e sem espólio associado.

No interior do edifício foi identificada uma unidade de depósito [411], composta por terras homogêneas, compactas, argilosas de grão médio, cor castanha clara, com ocasionais pedras de granito de pequenas dimensões. Sob esta realidade foi identificado um nível de derrube [415] composto por fragmentos de *tegulae* e ocasionais pedras de granito. Com a sua remoção ficou patente o piso de circulação [416], com cerca de 6 cm de espessura, constituído por terras homogêneas, pouco compactas, argilosas de grão médio a grosso e cor castanha clara.

A remoção deste piso permitiu constatar a existência de uma vala fundacional [417] relacionada com o muro [410], escavada no geológico natural [423], no sentido este-

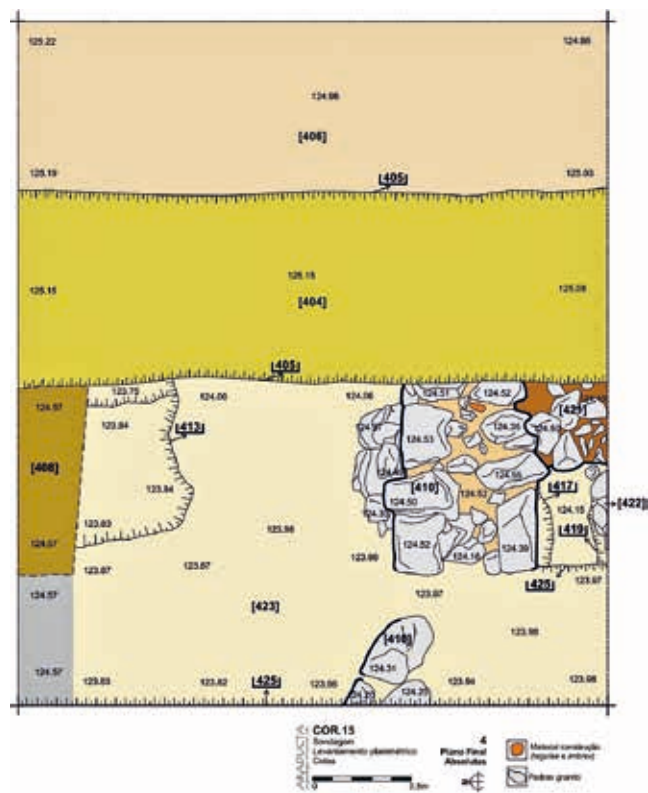


FIGURA 23. Sondagem 4, plano final.

-oeste, preenchida pela unidade [418], de reduzida possança, formada por terras argilosas de grão médio, pouco compactas, de cor castanha clara, com inclusão de dois diminutos fragmentos de *tegulae*.

Ainda no interior do edifício e adossado a esta construção foi identificado um alinhamento pétreo [422] com orientação este-oeste, 0,50 m de extensão, largura visível de apenas 0,10 m, formado por uma única fiada de pedras de granito de pequenas dimensões, não argamassadas. A esta estrutura encontrava-se associada uma vala fundacional [419], preenchida pela unidade [420], de reduzida possança, composta por terras pouco compactas, argilosas de grão médio e cor castanha clara, sem espólio associado.



FIGURA 24. Sondagem 4, plano final.



FIGURA 25. Sondagem 4, plano final.

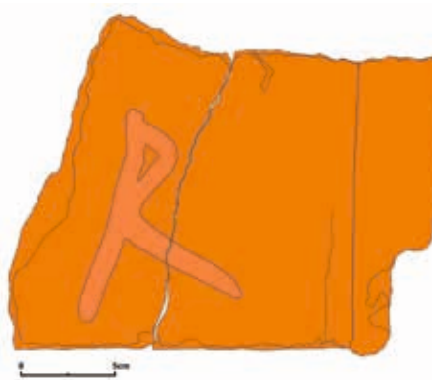
## 5. ESPÓLIO EXUMADO

O espólio exumado totalizou os 1571 fragmentos, repartidos entre cerâmica de construção ( $n=1009$ ) e olaria doméstica ( $n=562$ ). A cerâmica de construção de época romana é largamente dominante, representando 64,3% das recolhas, equivalendo a material

muito fragmentado, por vezes até formalmente incaracterístico, repartida por *tegulae* (n=856), seguida de longe pelos *imbrices* (n=104) e pelos tijolos (n=10).

As *tegulae*, material cerâmico usualmente usado na construção de telhados, geralmente ligadas à cobertura das casas romanas, foram usadas entre nós até à Baixa Idade Média. Correspondem, tal como descrevem Luís Sousa, Manuel Nunes e Carlos Gonçalves, no seu estudo “*Tegulae* com marcas de oleiro e pegadas de animais no concelho de Lousada”, a “grandes placas aplanadas que se aproximam dos 64 cm de comprimento e 44 cm de largura (no caso de Lousada), de rebordos laterais alteados com cerca de 5,2 a 6 cm de altura e uma espessura de cerca de 3,5 a 4,6 cm. [Algumas das *tegulae*] eram ‘personalizadas’ pelo meio da inclusão de uma impressão, que era realizada quando o barro se encontrava ainda fresco. Este modo de marcação (...) permitia a transmissão de uma “identidade oleira” (...) tendo em conta que as marcas, pelo menos [as analisadas pelos autores] aparecerem continuamente na parte próxima da *tegulae*, ou seja, a que iria ficar exposta, se tal intenção não fosse tida em consideração, certamente seria a marca realizada em outras partes da tegula, situação que não se verifica” (Sousa, Nunes e Gonçalves, 2007, p. 60).

De entre os fragmentos de *tegulae* recolhidos apenas um ostenta marca, tendo sido recolhido nas proximidades da ocorrência patrimonial 5, exibindo uma marca alfabética (R). De acordo com os autores supramencionados (Sousa, Nunes e Gonçalves, 2007, p. 72), as *tegulae* que apresentam espessuras entre os 2 a 3,7 cm foram produzidas em fornos de qualidade superior, na fase correspondente ao Alto-Império, por contraponto àquelas que foram manufaturadas mais tardiamente, onde a espessura entre os 3,4 cm e os 4,3 cm. Deste modo, a *tegula* em análise é possivelmente enquadrável como tendo sido produzida no Alto-Império, uma vez que apresenta uma espessura de 2,3 cm.



**FIGURA 26.** Fragmentos de tegula recolhidos nas proximidades da ocorrência patrimonial 5.

A olaria doméstica (n=562) representa 35,7% das recolhas, equivalendo a material muito fragmentado e muito friável, o que tornou muito difícil a sua reconstituição formal. Predominam os fragmentos de panças (n=443), sendo grande parte de pequenas dimensões, o que dificultou a identificação de tipologias e formas. Os bordos (n=64) representam 11,4%, destacando-se os bordos de aba soerguida e de aba horizontal. No que concerne aos fragmentos de fundos (n=49) e de asas (n=6), estes representam menos de 10% do espólio total.

Esta cerâmica de uso doméstico apresenta uma grande uniformidade cronológica, sendo, na sua quase totalidade, de época romana. De um modo geral, são peças de pasta grosseira, com inclusões de quartzo e micas, ostentando maioritariamente uma coloração em tons de castanho, laranja e bege. Em algumas peças verifica-se uma enorme



27



28



29



30

**FIGURAS 27 e 28.** Fragmentos recolhidos nas imediações da ocorrência patrimonial 3.

**FIGURAS 29 e 30.** Fragmentos recolhidos nas terras crivadas.

presença de micas, na sua maioria moscovite. Predominam as vasilhas, por vezes com engobes laranjas ou avermelhados, ocorrendo também peças de pastas de aspeto exterior mais escuro. Quanto a tipologias, são essencialmente cerâmicas de cozinha, como vasos, potes e panelas, de diferentes dimensões, ostentando fundos rasos, sobressaindo o uso generalizado da roda.

Quanto à decoração, referir que o número de elementos que ostentam decoração é diminuto ( $n=15$ ), correspondendo todos a fragmentos de panças. Entre a decoração encontramos os seguintes motivos: relevo, incisão e incisa sobre relevo.

A decoração em relevo é a mais representada ( $n=9$ ), achando-se somente em elementos de cerâmica *doliar*. Esta cerâmica, usada para armazenar líquidos e sólidos, corresponde a uma das tipologias com mais presença entre o espólio recolhido ( $n=60$ ), sendo os fragmentos, regra geral, de maiores dimensões, comparativamente com os restantes, parecendo corresponder a recipientes de grande porte. Apresentam paredes grossas, com pasta de coloração diversa (laranja escura, bege escura e cinza escura),

presença de mica e de quartzo na sua composição, panças ovóides, ostentando maioritariamente formas lisas, estando ausentes as asas, os fundos e os bordos.

A decoração incisa acha-se presente somente em quatro panças de pequenas dimensões, com preferência por uma ornamentação geométrica de linhas retilíneas. Finalmente, referir a presença de um único fragmento de pança de pequenas dimensões (sondagem 4, UE 408), ostentando decoração incisa sobre relevo.

Referência ainda para a recolha de três dezenas de fragmentos de cerâmica de cronologia contemporânea, provenientes dos trabalhos de acompanhamento da vala, estando presentes as formas de louça comum, de entre as quais se destacam as malgas e os pratos de faiança, bem como os alguidares de cerâmica vidrada de chumbo. Estes fragmentos apresentam produção grosseira, pasta clara/bege, com esmalte branco-amarelado e de fraca qualidade, apresentando policromia, equivalendo a um conjunto perfeitamente enquadrável nas produções tardias do século XIX em diante.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os trabalhos efetuados na Rua de Mendões (União freguesias de Coronado (São Romão e São Mamede), Trofa) permitiram a identificação de um pequeno conjunto de estruturas. A sua interpretação, aliada à estratigrafia e aos materiais recolhidos, permitiu identificar seis construções distintas, patenteando pelo menos três fases distintas de ocupação do espaço.

A primeira fase de ocupação está representada pelas ocorrências patrimoniais 2, 4 e 6, equivalentes a estruturas de época romana. A ocorrência patrimonial 2 (SD.4) corresponde a um edifício constituído por dois muros, o primeiro [410] com orientação oeste-este (1,75 m de comprimento e 0,65 m de largura) e o segundo [421] com orientação norte-sul (0,45 m de comprimento e 0,45 m de largura). Associado a este edifício foi identificado o piso de circulação [416], sobre o qual era patente um nível de derrube [415]. A ocorrência patrimonial 4, localizada a 5,20 m a norte da ocorrência patrimonial 2, equivale a um muro edificado no sentido noroeste-sudeste, com 2 m de comprimento e 0,80 m de espessura, composto por pedras de granito de médias a grandes dimensões, argamassado, associado a um nível de derrube com espólio de época romana. A ocorrência patrimonial 6, identificada sensivelmente a 13 m a norte da anterior, apresenta orientação sul-norte, 2 m de comprimento e 0,40 m de largura, sendo formada por pedras de granito de média dimensão, de superfícies irregulares, dispostas de forma horizontal e sem argamassa.

A segunda fase de ocupação está representada pela ocorrência patrimonial 5 – estrutura [309] (SD.3) – e pela ocorrência patrimonial 8 – estrutura [110] (SD.1). Estão afastadas entre si cerca de 15 m, equivalendo a estruturas de delimitação do espaço, construídas sobre níveis de depósito de época romana, ostentando ambas uma orientação oeste-este e dimensões similares (2 m de largura e 0,30 m de altura).

A terceira e última fase identificada, já de Idade Contemporânea, está relacionada com a construção da calçada identificada entre a CV.1.5 e a CV.1.8, numa extensão aproximada de 95 m.

É seguro dizer que os vestígios arqueológicos identificados na Rua de Mendões se encontram abarcados pelo território imediato ao núcleo do povoamento do castro de Alvarelhos<sup>2</sup>, localizado sensivelmente a 4 km a noroeste.

O castro de Alvarelhos, localizado na União de Freguesias de Alvarelhos e Guidões, na Serra de Santa Eufémia, na margem direita do ribeiro da Aldeia, encontra-se situado a pouco mais de 1,5 km da via XVI Cale-Bracara Augusta. Segundo Vasco Mantes, o castro, de acordo com a distância a que se encontra de Cale (cerca de 12 milhas) e de Bracara Augusta (23 milhas), terá, muito provavelmente, albergado nas suas imediações uma estação viária, muito possivelmente uma *mansio*, tal como o comprova a indicação do miliário encontrado no Muro (descoberto no lugar da Carriça, no passal de São Cristóvão do Muro, indicando a milha XXIII). A *mansio*, presumivelmente, edificar-se-ia nas imediações da povoação, de acordo com o traçado da estrada, na área do Muro ou da Quinta do Paço (Mantas, 1996, p. 665). O povoado, ao estar estabelecido a meio caminho entre a estação de Cale e a cidade de Bracara Augusta, funcionou, muito provavelmente, como ponto de apoio aos viajantes, tendo beneficiado de uma centralidade exclusiva, por se encontrar num território de ótimos terrenos agrícolas (Pinho, 2009, p. 77).

Esta proximidade a uma rede viária bastante eficaz, nas imediações do castro de Alvarelhos, revelou-se fundamental para o desenvolvimento do povoamento em época romana, tendo o povoamento rural incidido nas suas imediações (Pinho, 2009, pp. 93-94). Durante o Alto-Império, assistimos nesta região, de uma forma que parece ser usual, a que os estabelecimentos desta época se localizem em “terrenos de influência de um antigo povoado fortificado, no que se poderá considerar como a ocupação do fundus pelas elites indígenas que, com a romanização, alcançaram alguma preponderância no contexto social local” (Pinho, 2009, p. 108), sendo exemplo o sítio de Vila Boa (Guilhabreu, Vila do Conde).

Inversamente, durante o Baixo-Império, assistimos, preferencialmente, à implantação dos novos estabelecimentos em “zonas baixas de vale, por forma a explorarem mais intensivamente os recursos agropecuários” (Pinho, 2009, p. 108). Desta época, temos como exemplos, nas imediações do castro, os sítios de Lugar de Vila (Coronado (São Romão e São Mamede), Trofa) e de Grova (Muro, Trofa), correspondendo a uma ocupação dispersa, aproveitando os terrenos de melhor aptidão agrícola, ambos localizados a sul da via XVI Cale-Bracara Augusta do Itinerário Antonino, nas imediações dos vestígios arqueológicos agora identificados na Rua de Mendões, a 1,6 km e a 2,5 km, respetivamente. Para ambos os sítios apenas se conhecem poucas estruturas, que afloram no terreno, materiais de construção e cerâmicas comuns recolhidas à superfície, de época romana. Os sítios mencionados são enquadrados, por Álvaro de Brito Moreira, nos designados Casais de Tipo A, que se caracterizam por estarem localizados “em terrenos de aptidão agrícola elevada ou moderada, cuja implantação se relaciona com o vale ou a várzea marítima, reunindo boas condições para a prática intensiva da agricultura e

---

<sup>2</sup> Classificado como Monumento Nacional pelo Decreto de 16-06-1910, tendo sido constituída Zona Especial de Proteção (ZEP), pela Portaria n.º 105/93.

actividades silvo-pastoris. A sua implantação aproveita plataformas naturais definidas por linhas de água com amplo domínio visual sobre o espaço envolvente. Desenvolvem-se em espaços cujas cotas oscilam entre os 81 e os 150 m” (Moreira, 2010, pp. 123-124).

Os vestígios arqueológicos identificados na Rua de Mendões, à semelhança dos sítios supramencionados, parecem corresponder à mesma malha de ocupação das zonas baixas de vale, enquadrando-se, presumivelmente, na mesma categoria de sítio, correspondendo a um provável casal. Os trabalhos desenvolvidos, ainda que muito circunscritos (uma vez que a área intervencionada se limitou a 20 m<sup>2</sup>), revelaram um conjunto de alinhamentos de muros de pedra faceada, correspondentes a estruturas habitacionais, associados a abundantes fragmentos de cerâmica comum e de *tegulae* de época romana.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Andrade, M., Noronha, F. e Rocha, A., 1986. *Carta geológica de Portugal à escala 1:50000. Folha 9-B (Guimarães)*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.

*Aviso n.º 2683/2013*. D.R. II Série. 38 (2013-02-22) 7298-7319.

*Decreto de 16-06-1910*. D.G. 136 (1910-06-23) 2163-2166.

Direção Regional de Cultura do Norte, 2015. Ofício n.º S-2015/375931 C.S:1038541. *PATA – (acompanhamento) de obras na rede de drenagem de águas residuais*. (Projeto EB 2286) nas Freguesias de S. Romão e de S. Mamede do Coronado, Trofa. Porto: DRCN.

Instituto Geográfico do Exército, 1999a. *Carta Militar de Portugal. Série M888, Folha 97 – Trofa (Santo Tirso)*, Escala 1:25000. Lisboa: Instituto Geográfico do Exército.

Instituto Geográfico do Exército, 1999b. *Carta Militar de Portugal. Série M888, Folha 110 – Maia*, Escala 1:25000. Lisboa: Instituto Geográfico do Exército.

Mantas, V. G. C. S., 1996. *A rede viária romana da faixa atlântica entre Lisboa e Braga*, Tese de Doutoramento. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Moreira, A. B., 2010. *Castellum Madae. Formação e desenvolvimento de um “aglomerado urbano secundário no ordenamento do povoamento romano entre Leça e Ave”*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela – Servizo de Publicacións e Intercambio Científico. ISBN 978-84-9887-349-8.

Pinho, J. M. R. A., 2009. *O Iº Milénio A.C. e o Estabelecimento Rural Romano na Vertente Fluvial do Ave*. Tese de Mestrado. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

*Portaria n.º 105*. D.R. I Série-B. 24 (1993-01-29) 392.

Sousa, L., Nunes, M. e Gonçalves, C., 2008. *Tegulae com marcas de oleiro e pegadas de animais no concelho de Lousada. Oppidum – Revista de Arqueologia, História e Património*, 2, pp. 57-74.

